

Grandes mudanças vindas da América do Norte

Ao final da era das dúvidas e dos dogmas o que ocorreu é que todos os conflitos armados entre católicos e protestantes na Europa somado as divisões entre as diferentes tradições cristãs que se separavam cada vez mais umas das outras geraram o cenário perfeito para que cada vez mais os europeus fizessem ligação entre religião e fanatismo ignorante ao mesmo tempo que aumentava a desconfiança com os teólogos e com a própria teologia.¹ Além disso, uma parte do colonialismo dos séc. XV e XVI teve um discurso pretensamente cristão, incluindo a formação dos EUA, e tudo isso contribuiu para que a partir de então houvesse uma série de revoluções diante das quais a posição da igreja não seria mais central como fora na Reforma, mas uma participação cada vez mais acessória e periférica.

Primeiramente, é importante compreender o papel importantíssimo que a formação dos Estados Unidos da América como nação terá nos séculos posteriores para a fé cristã. Após o séc. XVI houve um declínio da força de exploração da Espanha e Portugal, o que abriu caminho para que a Inglaterra se tornasse a grande força colonizadora que viria a iniciar a colonização da porção norte da América. Uma vez que os espanhóis já haviam explorado os grandes impérios e extraído muito ouro, a nova onda de colonizadores veio com o objetivo de realizar empreendimentos agrícolas nas novas terras. Aliado a essa oportunidade de conquistar terras, muitos ingleses vieram por motivos religiosos pois procuravam liberdade para cultuar uma vez que neste tempo começavam a surgir cada vez mais diferentes linhas dentro do anglicanismo.

Os primeiros esforços foram a fundação da Virgínia ao sul em 1584 que só viria a se firmar a partir de 1607 com profundas influências puritanas. Com o crescente plantio do tabaco e logo iniciou-se a importação de escravos africanos. Com o tempo o puritanismo norte-americano foi se tornando acomodado as classes altas e cada vez mais as classes baixas se filiavam a novas linhas, como os quakers. Outro grande movimento de colonização iniciou-se ao norte com a “Nova Inglaterra”, para onde vieram os puritanos do navio “Mayflower” que celebraram antes da chegada um pacto de fazer daquela terra de fato uma nova Inglaterra, com uma igreja pura e verdadeira. Nesse tempo também se fortaleceu a colônia de “Providence” para o qual foram aqueles que não desejavam seguir a linha do puritanismo e nesse período nasce e se fortalece o movimento batista, acabou recebendo influências tanto calvinistas quanto arminianas vindo a dividir-se em batistas gerais (próximos dos arminianos) e batistas específicos (batistas calvinistas).

No início do séc. XVIII havia uma cadeia de 13 colônias britânicas com relativa independência entre elas na América do Norte marcadas pela liberdade de culto e tolerância religiosa, mas ao mesmo tempo por incoerências como o escravagismo e o massacre dos índios. Foi neste século que chegou da Europa a onda petista que acabou desencadeando o primeiro Grande Avivamento, iniciado a partir de 1734 especialmente pela figura de Jonathan Edwards (1703-1758), calvinista convicto que pregava a necessidade de uma experiência de novo nascimento e cujos sermões começaram a causar grande comoção. Nesse tempo George Whitefield veio a Nova Inglaterra e o movimento ganhou novo ímpeto, com o despertar de igrejas inteiras e a reconsagração de vidas até então mergulhadas na religiosidade. Embora tenha havido críticas de que os pregados deste avivamento fossem emocionalistas, o fato é que a ênfase não estava na emoção, mas em uma experiência religiosa genuína seguida de mudança de vida. Como consequência, boa parte do protestantismo norte americano ficou profundamente marcada pela noção de “experiência com Deus” e pelo desejo de avivamento.

A parti do séc. XVIII a Inglaterra quis dirigir a vida destas colônias e os atritos foram crescendo até que estouraram os conflitos entre a milícia dos colonos e os soldados ingleses, resultando na independência das 13 colônias em 04 de julho de 1776. Com o desligamento da Inglaterra, a Igreja Anglicana estabelecida em solo americano ficaria dividida, pois muitos viam nos bispos partidários da Inglaterra e diante das tensões houve uma onda de anglicanos que não desejando se desligar da Igreja Anglicana inglesa foram para o Canadá e outros que voltaram para a Inglaterra. Os que ficaram desligaram a igreja da Inglaterra e formaram a Igreja Protestante Episcopal. Algo semelhante aconteceu com o metodismo norte-americano pois John Wesley se posicionou contra a separação das colônias e o resultado foi que em 1784 organizou-se a Igreja Metodista Americana. Além disso cresciam os batistas e os metodistas, iniciando o período de um crescente número de denominações, uma marca desse tempo pois não se compreendia que eram várias “igrejas”, mas uma só igreja que operava sob diferentes denominações, algo que moldou o movimento evangélico desde então.

Quase no fim do séc. XVIII começaram a haver grandes ondas de imigração europeia devido as guerras napoleônicas e aos efeitos da revolução industrial. O resultado foi que uma onda de católicos chegou a América fazendo desta a maior igreja norte-americana com ingleses, franceses, alemães, irlandeses. Este foi o contexto do segundo Grande Avivamento, que foi marcado por uma vivência mais séria da fé cristã e a mobilização de sociedades evangelizadoras e missionários. Nesse avivamento o tom foi menos intelectual e mais popular, com o uso do método dos “camps”: pregações ao ar livre com reuniões que duravam uma semana ou mais e que iniciava como um evento social para se tornar uma campanha evangelística. No final do

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.353-

séc. XVIII os EUA viriam a viver a Guerra Civil (1861-1865) que desencadearia grandes mudanças sociais. Os centros urbanos cresciam cada vez mais e o protestantismo agora se via diante do desafio de servir as massas de miseráveis nos centros urbanos. A figura mais destacada desse período foi Dwight L. Moody (1862-1899), que se tornou um pregador das massas urbanas e teve numerosos imitadores que começaram a tomar práticas das empresas e das organizações de publicidade para suas campanhas evangelísticas, o que se tornou também comum.

Em tudo isso o protestantismo norte-americano acabou tomando caminhos que mais tarde, por diversas razões, se tornaram tendências em outros países e lugares. A igreja norte-americana se tornou uma forte influenciadora mundial.

Grandes mudanças vindas da Europa

Voltando nosso olhar para a Europa, é possível ver que os séc. XVIII e XIX foram um período no qual ocorreram mudanças drásticas na política, no pensamento e na sociedade que vieram a ter profundo impacto sobre a igreja. A primeira foi a Revolução Francesa (1789 – 1799) como todos os seus desdobramentos. Luís XVI foi um rei que aumentou muito o déficit da coroa e quis impor impostos a nobreza e ao clero, tradicionalmente isentos. Ao convocar os Estados Gerais (reunião do clero, nobreza e burguesia) a Terceira Ordem (burguesia) tinha mais representantes e quando nobreza e clero se uniram a Terceira Ordem rebelou-se e se declarou “Assembleia Nacional”. É importante lembrar que o povo estava fatigado com a exploração do clero e da nobreza, vivendo em fome e miséria sem precedentes, e movidos pelas ideias libertárias de Voltaire, Rousseau e outros que formavam um vento intelectual forte, a revolução estourou e o povo tomou a Bastilha, castelo forte que era dos inimigos do rei. A Assembleia Constituinte iniciou uma série de reformas sociais e religiosas, impôs ao clero uma constituição civil, revogou as leis sobre dízimos e outras medidas. Em 1791 a Assembleia Constituinte deu lugar a Assembleia Legislativa, que logo iniciou guerra a Áustria e Prússia, aboliu a monarquia, executou o rei e se esforçou por extinguir o cristianismo com o “Culto ao Ser Supremo” aliado a um novo calendário com semana de 10 dias. Milhares de cristãos, sacerdotes e pastores foram guilhotinados e neste momento da história da França os católicos se mantiveram mais fiéis que os protestantes. A Revolução Francesa inspirou vários movimentos libertários dentro da Europa e nas Américas, com a independência da Argentina, Chile, Bolívia, Brasil e vários outros. Um resultado para a igreja é que haveria uma separação cada vez maior entre igreja e estado, preconizado pela revolução francesa.

Além da Revolução Francesa, o séc. XVIII viria a ser conhecido como “Século das Luzes” devido ao florescimento do Iluminismo. O Iluminismo, como o Renascentismo, é um movimento com várias vertentes mas basicamente pode se dizer que a ênfase no racional alcança um auge nesse período: para que determinado conhecimento seja verdadeiro, precisa passar pelo crivo da razão e da experiência e tudo que invoque a fé precisa ser visto como obscurantista, fanático e ignorante. Como um resultado do Iluminismo, o séc. XIX viu o surgimento das grandes questionadoras da fé cristã, como a obra de Charles Darwin “A origem das espécies” em 1859, o Manifesto Comunista de Karl Marx em 1848, a obra de Friedrich Nietzsche (1844-1900) e a obra de 1856-1939). O resultado foi o surgimento da chamada Teologia Liberal: um modo de fazer teologia que procurava adequar o fazer teológico ao pensamento centrado na razão e no empírico que veio a tomar as ideias evolucionistas comuns nesse tempo para afirmar que o texto das Escrituras passou por diversos processos de evolução até chegar ao formato atual, sendo feitos com o tempo adições de milagres e eventos sobrenaturais que não existiram de fato, mas foram inventados com o fim de animar a fé e confortar. Assim, a teologia liberal nega tudo que é sobrenatural nas Escrituras, selecionando um canon dentro do Canon por um processo de separar o que é mito e o que é fato histórico (demitologização), e um reflexo disso foi a grande busca pelo Jesus histórico: o Jesus que realmente existiu, um Jesus sem as adições posteriores da igreja chamado pelos liberais de “Jesus da Fé”. A teologia liberal nasceu como um esforço de diálogo com a modernidade, mas acabou se tornando um cristianismo tão desfigurado a ponto do teólogo John Gresham Machen (1881-1937) afirmar que o liberalismo se tornou um não-cristianismo. O resultado foi o duelo marcante entre liberais e os chamados “fundamentalistas” dentro da igreja nos séc. XIX e XX.

Uma diferença marcante entre o protestantismo e o catolicismo do séc. XIX foi exatamente a postura que ambos tomaram: o protestantismo decidiu dialogar com as questões do seu tempo, vendo o moderno com otimismo e abraçando em alguns momentos o modernismo de forma exagerada, e o catolicismo via no moderno uma ameaça, fazendo esforços para criticar e invalidar tudo que inspirasse um rompimento com as tradições. O resultado foi que ao negar o momento o catolicismo perdeu grandes mentes e acabou tentando fazer o impossível: conter o avanço da história.

Por fim, a última grande e marcante revolução foi a Revolução industrial ocorrida por volta de 1820 a 1840 e que foi marcada por uma transição entre o sistema de manufaturas no qual artesãos produziam bens de consumo para a formação de fábricas onde, por meio de máquinas e novas tecnologias e processos, os bens de consumo passaram a ser fabricados em maior escala, velocidade e qualidade mas na qual o trabalhador não era mais dono do seu trabalho. Isso levou a mudanças econômicas com o avanço cada vez maior do capitalismo e as mudanças sociais, pois as massas de agricultores e artesãos desempregados saíam da zona rural para se empilharem nos centros urbanos que cresceram rapidamente, mas sem qualquer estrutura para receber tal número de pessoas. Além disso as pessoas perdiam o contato com sua família estendida (avós, tios, primos) o que levou a um crescente individualismo e uma crescente preocupação com o “eu” em detrimento do “nós” que se fez notar nos séculos posteriores. Em meio a pobreza, violência urbana, individualismo e vários outros efeitos a igreja precisou responder com apoio aos pobres, ação social e um evangelismo mais centrado no indivíduo, o que por sua vez levou a outras tensões dentro da igreja entre aqueles que defendiam a tarefa da igreja como sendo apenas pregar o Evangelho e outro que defendiam a ação social sem relação com evangelismo. A igreja também começou a sofrer com a dificuldade entre dialogar com a cultura individualista e desafiar essa cultura ao estabelecer o ideal da vida comunitária. Estas tensões ainda estão vivas hoje.